

PARTE III

GÊNERO E INTERSECCIONALIDADE

DAS RELAÇÕES SOCIAIS

III.3 - DESIGUALDADES INTERSECCIONADAS ENTRE GÊNERO E RAÇA: A TRAJETÓRIA DA PRODUÇÃO DE EVIDÊNCIAS E A ENTRADA DO DEBATE NA ACADEMIA BRASILEIRA

NADYA ARAUJO GUIMARÃES

FLS5174 – GÊNERO E TRABALHO. DESAFIOS NACIONAIS, DEBATES INTERNACIONAIS

PPGS/USP, 23.10.2017 (AULA 12)

ROTEIRO

1. A "primeira onda" na produção de evidências, na academia brasileira: as múltiplas formas das desigualdades
2. O feminismo negro brasileiro e a experiência das múltiplas formas das desigualdades: uma nova figura-síntese Lélia Gonzalez. Do MNU à academia
3. Como a ciência social brasileira tem se apropriado do debate internacional sobre a interseccionalidade? Dois exemplos: C. Sardenberg e F. Biroli.
4. Como o debate ecoa na América Latina? Um exemplo: a reflexão de M.Viveros.
5. Desafios para tratar das dimensão interseccionadas das desigualdades no âmbito do trabalho. Reflexões com vistas a nossos trabalhos finais

I.A "PRIMEIRA ONDA" NA PRODUÇÃO DE EVIDÊNCIAS, NA ACADEMIA BRASILEIRA

As múltiplas (e apenas episodicamente interseccionadas) formas das desigualdades

OS DIFÍCEIS CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DAS INTERSECÇÕES (I)

- O caráter precursor do pensamento de Florestan Fernandes : A indissociabilidade da relação entre raça e capitalismo. O exemplo d'*A Integração do Negro na Sociedade de Classes* (1965)
 - O negro e o mulato são pensados como sujeitos que têm que encarar sua liberdade, em um contexto econômico e de vida social para o qual sua experiência anterior não os preparou. “O isolamento econômico, social e cultural do negro foi um produto de sua relativa incapacidade de sentir, pensar e agir socialmente como homem livre” (Fernandes 1965, v. I: pg. 67). A sua exclusão teria um caráter propriamente racial “se o negro ostentasse essas qualidades e, apesar disso, fosse repellido” (Fernandes idem: p. 68)
 - A anomia social e a desorganização da vida pessoal dos homens negros e mulatos são os resultados (“o peso do passado” lhes cai sobre os ombros)
 - E quanto às mulheres? A vida no urbano lhes seria mais fácil que aos homens, pois o isolamento no trabalho doméstico traçava a linha de continuidade entre experiência passada e vida presente. A mulher negra era vista por ele como “uma agente de trabalho privilegiado”, não por que vivenciasse um aproveitamento integral de sua pessoa, mas por ser a única que contava com ocupações persistentes e que lhe permitiam um meio de vida (Fernandes 1965, vol. I: p. 43)

OS DIFÍCEIS CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DAS INTERSECÇÕES (2)

- A crítica de Carlos Hasenbalg desenvolvida nos anos 1970 e consolidada na sua tese de doutorado (defendida na Univ. Califórnia e publicada em 1979 sob título *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*) desloca a tematização no campo das relações raciais para focar nas desigualdades e discriminações raciais concebidas como fruto da competição capitalista e da segregação espacial dos negros no Brasil. Inaugura nova agenda no campo
- Entretanto, se o elo entre raça/racismo e classe/mobilidade se aprofunda, é de pretos e pardos – em geral indistintos por sexo – de que trata nos seus escritos, que se aprofundarão na parceria com Nelson do Val Silva (*Estrutura social, mobilidade e raça*, 1983; *Relações raciais no Brasil contemporâneo*, 1992; *Cor e Estratificação Social*, 1999; *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*, 2003)
- A condição de sexo tem pouco relevo na sua produção, mesmo se o diálogo com o pensamento de lideranças negras já fosse evidente (vide Prefácio de F. H. Cardoso a *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*, 1979) e se tornasse crescente (do que *Lugar de Negro*, 1982, com Lélia Gonzalez, seria um marco).

OS DIFÍCEIS CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DAS INTERSECÇÕES (3)

Nesse sentido, é novamente em Heleieth Saffioti, na sua tese da segunda metade dos anos 1960 (publicada em 1970 como *A Mulher na Sociedade de Classes. Mito e Realidade*), que vamos encontrar a figura precursora, onde as dimensões de sexo e classe, mas também de raça, parecem enlaçar-se de modo mais saliente nesse momento.

A influência de Florestan é clara:

- Ao analisar a posição de homens e mulheres escravos e as inconsistências das relações raciais escravistas, reconhecia que, no caso das mulheres negras, além da sua função no sistema produtivo tinham um papel social central; produto deste, o mulato, foi – contraditoriamente, a seu ver – o foco dinâmico das tensões sociais e culturais. Nelas residia o fator perturbador do sistema de trabalho e da moralidade escravista.
- Reiterou que os efeitos do desenvolvimento do capitalismo na posição das mulheres era heterogêneo, apontando para uma sorte de heterogeneidade "intra-categoria" que seria (como bem salientou Henriquez em seu informe) uma pré-condição para a formulação sobre a interseccionalidade muitos anos depois
- A precedência da classe era, entretanto, insofismável. Sexo e raça apenas mascaravam a dominação de classe operando como mecanismos que intensificavam a exploração

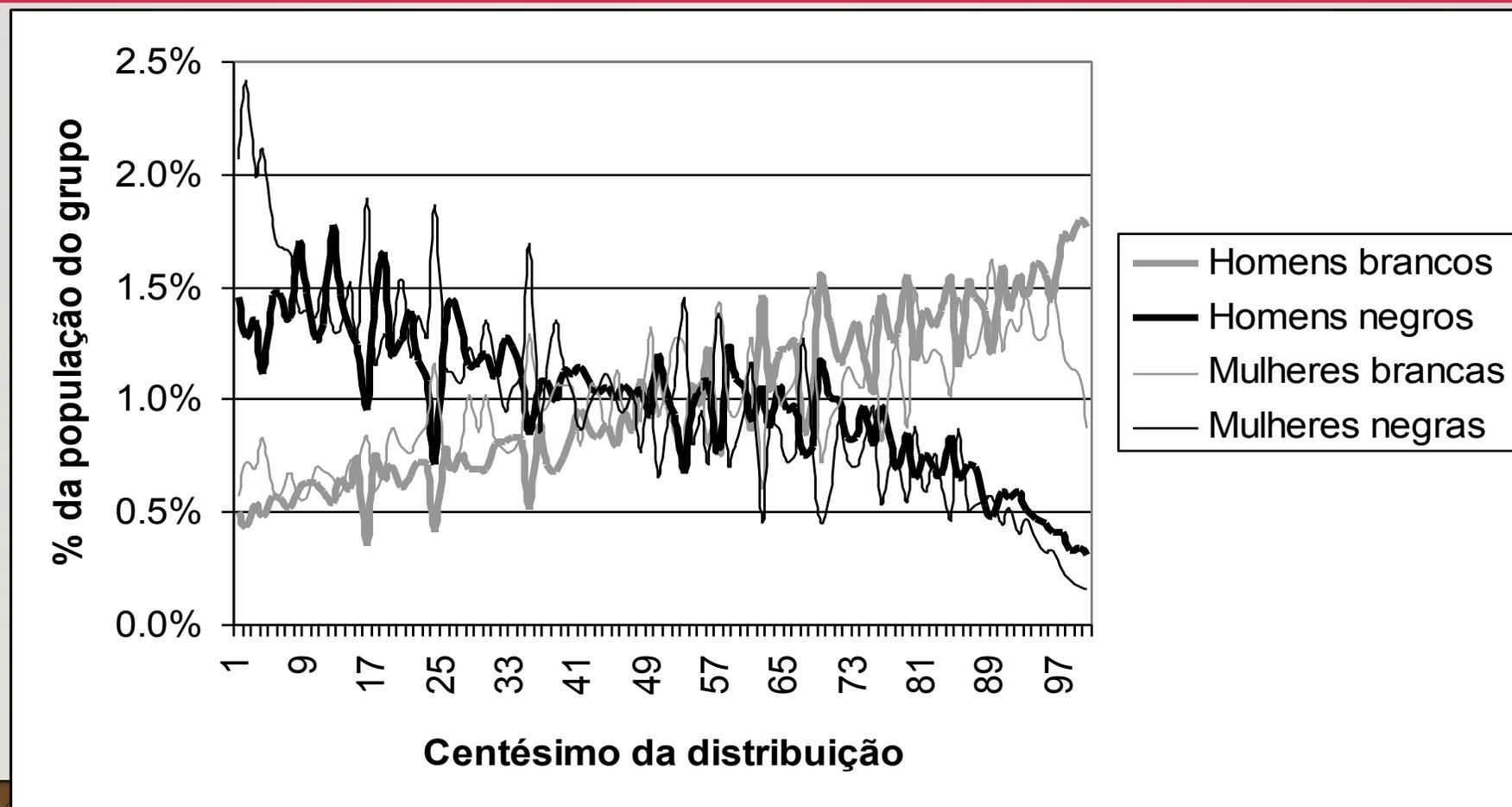
AS ACACHAPANTES EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DA INTERSEÇÃO DESSAS FORMAS DAS DESIGUALDADES

UM INTERLÚDIO



ENTRECruzando SEXO, RAÇA E RENDA (UM PROXY PARA CLASSE?). O BRASIL NA CRISE DA "DÉCADA PERDIDA"

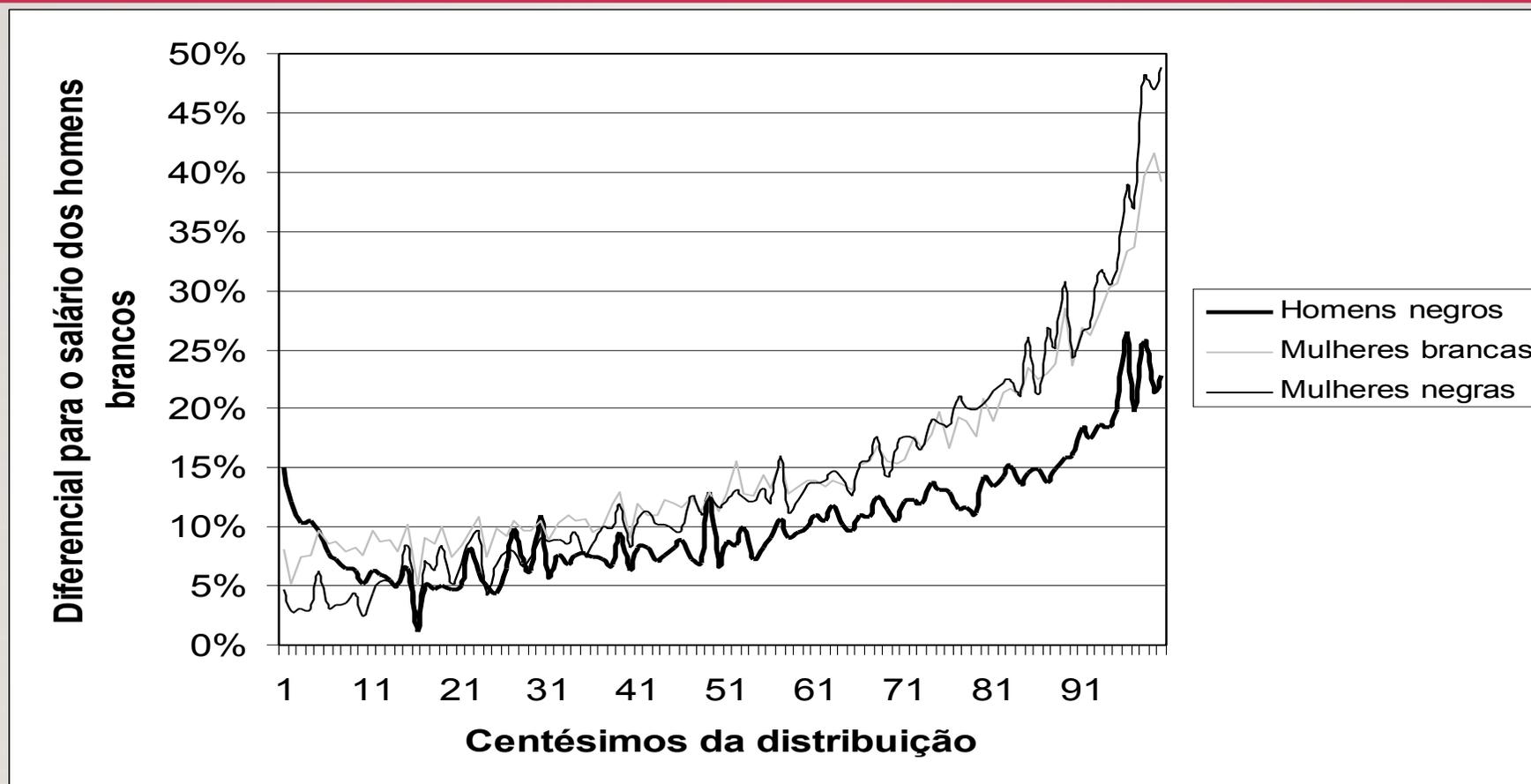
(PNAD, 1989)



O PESO DOS ATRIBUTOS DE SEXO E COR AUMENTA JUSTAMENTE NO TOPO DA DISTRIBUIÇÃO DE RENDIMENTOS

(ISTO É, ALI ONDE ESTÃO OS MAIS EDUCADOS... BOAS RAZOES ESTRUTURAIS PARA SE ENTENDER O AVANÇO NAS DEMANDAS POR AÇÕES AFIRMATIVAS NO ACESSO AO III GRAU, NÃO?)

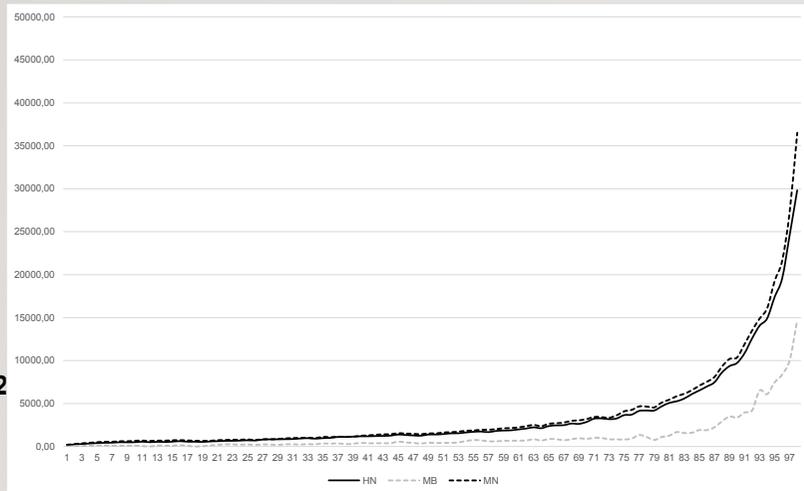
PNAD/, 1989



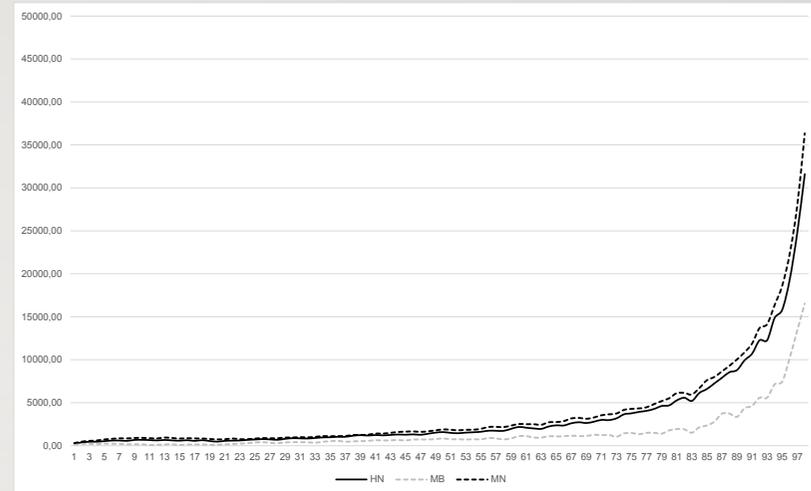
COM CRISE OU SEM CRISE, É NOTÁVEL A RESILIÊNCIA NO CUSTO DE NÃO SER HOMEM E BRANCO NO MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL (CF. PNAD, 2002, 2008, 2014)

| | Mean | Centil 25 | Centil 50 | Centil 75 | Centil 95 |
|--------------------|----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| White men | | | | | |
| 2002 | 7310.38 | 2094.70 | 3544.88 | 7447.82 | 29325.80 |
| 2008 | 8197.60 | 2677.44 | 4462.40 | 8367.00 | 29749.33 |
| 2014 | 11466.88 | 3636.36 | 5680.00 | 10666.67 | 40000.00 |
| White women | | | | | |
| 2002 | 5889.39 | 1861.96 | 3142.05 | 6636.01 | 21857.74 |
| 2008 | 6408.08 | 2324.17 | 3631.90 | 6896.44 | 22312.00 |
| 2014 | 9598.48 | 3200.00 | 4800.00 | 8960.00 | 32000.00 |
| Black men | | | | | |
| 2002 | 3588.45 | 1367.97 | 2148.41 | 3794.40 | 11931.41 |
| 2008 | 4399.95 | 1960.75 | 2881.97 | 4601.85 | 13945.00 |
| 2014 | 7081.95 | 2800.00 | 4000.00 | 6400.00 | 19200.00 |
| Black women | | | | | |
| 2002 | 3086.59 | 1256.82 | 2010.91 | 3351.52 | 10054.56 |
| 2008 | 3869.53 | 1859.33 | 2572.08 | 4090.53 | 11156.00 |
| 2014 | 5879.62 | 2632.73 | 3555.56 | 5600.00 | 16000.00 |

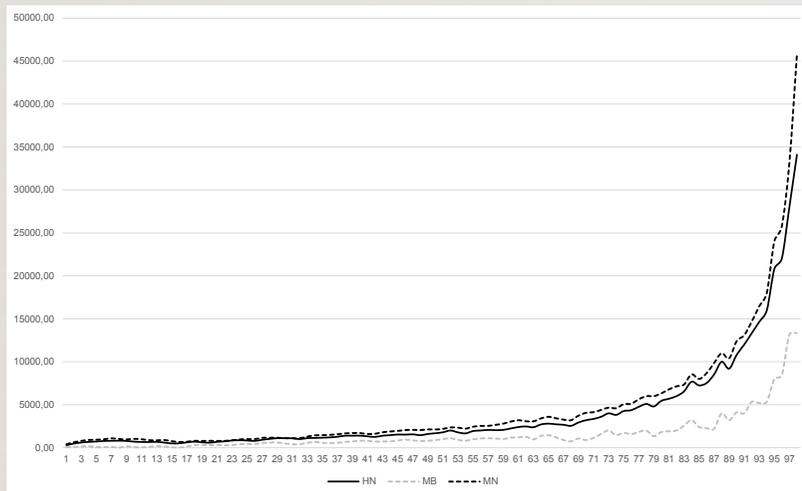
2002



2008



2014



A diferença continua a se tornar maior quanto mais se avança para os níveis salariais mais elevados, **seja na crise (2002), seja num momento de expansão significativa (2008), seja no final do crescimento e inicio da inflexão no mercado de trabalho (2014)...** E, com isso, atendo a pedidos dos informes no sentido de que atualizasse os dados do texto com Biderman para incluir a conjuntura de expansão

2. O FEMINISMO NEGRO BRASILEIRO E A EXPERIÊNCIA DAS MÚLTIPLAS FORMAS DAS DESIGUALDADES: UMA NOVA FIGURA-SÍNTESE LÉLIA GONZALEZ.

Do MNU à academia...



A NOVIDADE QUE ESTAVA NA PRAÇA: A EXPERIÊNCIA - I

- Transparente nas palavras de Lélia Gonzalez (1982, "O movimento negro na última década" In: *Lugar de Negro*, pp. 34-36) nos três slides seguintes, onde a vemos tematizar de modo eloquente:
 - sobre a sua própria história pessoal de inserção no movimento negro, e
 - sobre a formação de um grupo de feministas negras no Rio de Janeiro.

litúrgicos segundo modelos tradicionais Nagô-Yoruba), recriação de símbolos e arte popular, foi organizada por Juana Elbein dos Santos e Mestre Didi (o Assogba Maximiliano M. dos Santos, do Axé Opô Afonjá, de Salvador). Antes de chegar ao Brasil, ela fora apresentada em Lagos, Acra e Dacar na África, assim como em Paris, Londres e Buenos Aires. As Semanas foram decisivas para o movimento negro carioca.

Vale aqui um pequeno comentário. Interessante que o MN do Rio teve duas fontes de origem: de um lado, a comunidade negra, "dando ciência" de como recebeu os efeitos do movimento negro norte-americano; do outro, uma iniciativa oficial, acadêmica, transada não em termos de "Oropa, França e Bahia", mas, ao contrário, via "Bahia, África e Oropa" e com muito axé em cima. Pois é...

A partir das Semanas, a "tiurma" entrou em contato com o Afro-Asiático, e passou a se reunir em suas dependências. Durante o decorrer da semana, encontravam-se duas vezes para preparar dois tipos de texto: um, com o noticiário a respeito de atos de discriminação e, outro, relativo ao período pré-colonial na África. Aos sábados, reunião geral para discutir os textos, na base da dinâmica de grupo. No domingo, tava todo mundo na Noite do Shaft no Renascença. A cada reunião o grupo crescia.

Chegou a um ponto que as mulheres passaram a se reunir separadamente para, depois, todos se reunirem numa sala maior, onde se discutia os problemas comuns. É claro que pintou machismo e paternalismo, mas também solidariedade e entendi-

mento. O atraso de alguns manifestou-se num tipo de moralismo calvinista e machista, que caracterizava o quanto se sentiam ameaçados pela capacidade e sensibilidade das companheiras mais brilhantes; em seus comentários, falavam de mal-amadas e coisas que tais (baixaria mesmo). Desnecessário dizer que suas esposas ou companheiras nunca participaram de tais reuniões, na medida em que ficavam em casa cuidando das crianças, da casa etc., o que é sintomático. De um modo geral, esses machões eram de uma geração mais velha, porque os mais jovens cresceram junto com suas irmãs de luta. Aliás, vale notar que não existe coisa mais homossexual, e no pior sentido, porque não conscientizado e assumido, do que o ressentimento sectário dos machistas. De qualquer modo, o avanço das mulheres negras, dentro do movimento negro carioca, marcaria sua diferença com relação a outras regiões (onde, hoje, o quadro é diferente, apesar dos pesares). No ano seguinte (2 de julho de 1975), num encontro de mulheres realizado na Associação Brasileira de Imprensa, lá estavam aquelas jovens e valentes negras, marcando sua posição num importante documento, onde diziam:

O destino da mulher negra no continente americano, assim como de todas as suas irmãs da mesma raça, tem sido, desde a sua chegada, ser uma coisa, um objeto de produção ou de reprodução sexual. Assim, a mulher negra brasileira recebeu uma herança cruel: ser não apenas o objeto de produção (assim como o homem negro também o era), mas, mais ainda, ser um objeto de prazer para os colonizadores. O fruto dessa covarde procriação é o que agora é aclamado

litúrgicos segundo modelos tradicionais Nagô-Yoruba), recriação de símbolos e arte popular, foi organizada por Juana Elbein dos Santos e Mestre Didi (o Assogba Maximiliano M. dos Santos, do Axé Opô Afonjá, de Salvador). Antes de chegar ao Brasil, ela fora apresentada em Lagos, Acra e Dacar na África, assim como em Paris, Londres e Buenos Aires. As Semanas foram decisivas para o movimento negro carioca.

Vale aqui um pequeno comentário. Interessante que o MN do Rio teve duas fontes de origem: de um lado, a comunidade negra, "dando ciência" de como recebeu os efeitos do movimento negro norte-americano; do outro, uma iniciativa oficial, acadêmica, transada não em termos de "Oropa, França e Bahia", mas, ao contrário, via "Bahia, África e Oropa" e com muito axé em cima. Pois é...

A partir das Semanas, a "túrma" entrou em contato com o Afro-Asiático, e passou a se reunir em suas dependências. Durante o decorrer da semana, encontravam-se duas vezes para preparar dois tipos de texto: um, com o noticiário a respeito de atos de discriminação e, outro, relativo ao período pré-colonial na África. Aos sábados, reunião geral para discutir os textos, na base da dinâmica de grupo. No domingo, tava todo mundo na Noite do Shaft no Renascença. A cada reunião o grupo crescia.

Chegou a um ponto que as mulheres passaram a se reunir separadamente para, depois, todos se reunirem numa sala maior, onde se discutia os problemas comuns. É claro que pintou machismo e paternalismo, mas também solidariedade e entendi-

mento. O atraso de alguns manifestou-se num tipo de moralismo calvinista e machista, que caracterizava o quanto se sentiam ameaçados pela capacidade e sensibilidade das companheiras mais brilhantes; em seus comentários, falavam de mal-amadas e coisas que tais (baixaria mesmo). Desnecessário dizer que suas esposas ou companheiras nunca participaram de tais reuniões, na medida em que ficavam em casa cuidando das crianças, da casa etc., o que é sintomático. De um modo geral, esses machões eram de uma geração mais velha, porque os mais jovens cresceram junto com suas irmãs de luta. Aliás, vale notar que não existe coisa mais homossexual, e no pior sentido, porque não conscientizado e assumido, do que o ressentimento sectário dos machistas. De qualquer modo, o avanço das mulheres negras, dentro do movimento negro carioca, marcaria sua diferença com relação a outras regiões (onde, hoje, o quadro é diferente, apesar dos pesares). No ano seguinte (2 de julho de 1975), num encontro de mulheres realizado na Associação Brasileira de Imprensa, lá estavam aquelas jovens e valentes negras, marcando sua posição num importante documento, onde diziam:

O destino da mulher negra no continente americano, assim como de todas as suas irmãs da mesma raça, tem sido, desde a sua chegada, ser uma coisa, um objeto de produção ou de reprodução sexual. Assim, a mulher negra brasileira recebeu uma herança cruel: ser não apenas o objeto de produção (assim como o homem negro também o era), mas, mais ainda, ser um objeto de prazer para os colonizadores. O fruto dessa covarde procriação é o que agora é aclamado

como o único produto nacional que não pode ser exportado: a mulher mulata brasileira. Mas se a qualidade deste "produto" é tida como alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante, sujo e desrespeitoso.

Foi a partir da convivência com essas irmãs, já no Movimento Negro Unificado, que passei a me preocupar e trabalhar sobre a nossa própria especificidade. E nesse trabalho, tem dado pra sacar, por exemplo, que pelo fato de não ser educada para se casar com um "príncipe encantado", mas para o trabalho (por razões históricas e sócio-econômicas concretas), a mulher negra não faz o gênero da submissa. Sua prática cotidiana faz dela alguém que tem consciência de que lhe cabe batalhar pelo "leite das crianças" (como ouvimos de uma "mulata do sargenteli"), sem contar muito com o companheiro (desemprego, violência policial e outros efeitos do racismo e também do sexismo). De fato, as últimas pesquisas efetuadas demonstram que, em matéria de mulher chefe de família, a mulher negra taí pra conferir. (É por ai também que dá pra sacar uma das razões pelas quais os negros que "subiram na vida" preferem se casar com mulheres brancas; são mais submissas, também por razões historicamente analisáveis. Mas isso é papo pra outros escritos.) Se a gente junta a essa prática uma consciência política, dá pra entender porque não só nossos irmãos, mas determinados setores do movimento de mulheres tenham ficado chocados com a nossa autonomia e agressividade de mulheres negras. Aliás, é importante ressaltar que agressividade significa "chamar a

si", ou seja, "chamar às falas". Pois é... Mas, volte-mos às reuniões do Afro-Asiático.

Dizíamos que o grupo crescia. Sobretudo no aprofundamento do nível político das discussões. Nesse momento, setembro de 74, o grupo transformou-se em entidade, a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África. Meses depois, surgiu um racha em função de divergências quanto ao método e ao onde desenvolver um trabalho concreto. O grupo dissidente, que saiu, preferia desenvolver um trabalho na Zona Sul, enquanto o pessoal da SINBA defendia a tese de que se deveria partir pra Zona Norte. Vejamos o que nos diz Paulo Roberto a esse respeito:

(...) e esse pessoal que ficou pro lado da Zona Sul acabou se encontrando com outro grupo, meio elitizado de Zona Sul que eram os famosos atores da TV Globo; não eram todos atores mas havia um grande número de atores que se reunia — negros, todos negros — que se reunia na Zona Sul (acrescentando que alguns elementos eram profissionais liberais, também da Zona Sul), no apartamento de algumas pessoas. E nós acabamos encontrando esse grupo no Teatro Opinião. Exatamente por causa de um problema que tinha pintado na Rede Globo, por ocasião daquela novela — Gabriela, cravo e canela — onde a Vera Manhães, mulher do Antônio Pitanga (...) que seria escolhida para o papel, foi preterida em função da Sônia Braga. Então, o pessoal ficou p. da vida e (...) o grupo todo se encontrou e houve uma série de reuniões lá no Teatro Opinião. E acabou surgindo daí o IPCN, Instituto de Pesquisa das Culturas Negras que, eu particularmente acho, foi um eufemismo que encontramos (...) para criar uma entidade que procurasse não só trabalhar a nível cultural, mas que pudesse ser uma entidade de mobilização política do negro.

A NOVIDADE QUE ESTAVA NA PRAÇA: A EXPERIÊNCIA - II

- Que transparece igualmente na interpretação de Luiza Bairros (1995. "Nossos feminismos revisitados" – ver dois slides seguintes)
- No argumento, ao modo de Collins (*outsider within*), da ampliação explicitamente arguida com respeito às dimensões a enlaçar (sexualidade, como igualmente relevante),
- e no pleito do feminismo negro que reivindica a capacidade de tematizar com respeito à questão da masculinidade (como bem salientado no informe de Cinthia)

NOSSOS FEMINISMOS REVISITADOS

LUIZA BAIROS

Certa vez em Salvador Bahia vi na televisão um quadro sobre culinária. Era um programa matinal dirigido ao público feminino onde se demonstrava como preparar um prato do qual já nem lembro. Naquele momento, o que prendia minha atenção estava atrás da imagem imediatamente visível na tela de TV. O cenário era uma cozinha e o personagem principal uma apresentadora que não parava de dar instruções e conselhos. Em contraposição, uma jovem negra participava da cena no mais completo mutismo.

Naquele programa, o estereótipo que nos associa a boa cozinheira foi redefinido pela redução da mulher negra ao papel de coadjuvante, mesmo no limitado espaço imposto pelo racismo. Para mim, entretanto, tão poderosa quanto o silêncio era nossa outra fala, transmitida pela pele negra e realçada pelo penteado de tranças da ajudante. Uma imagem posta em nossos próprios termos, desligada das representações de submissão atribuídas a nós, mulheres e homens negros. Se, por um lado, os produtores de TV acham que não possuímos a autoridade e a segurança necessárias para ensinar, até mesmo o que supostamente fazemos melhor, por outro, é evidente que o racismo já não pode mais ser praticado sem contestação, sem que de algum modo emergam os contradiscursos que (re)criamos nas duas últimas décadas.

Os significados embutidos na cena não param por aí. O papel desempenhado pela apresentadora - branca - era superior apenas na aparência, pois ela estava restrita ao espaço geralmente desvalorizado da atividade doméstica. Logo sua 'autoridade' só pôde evidenciar-se quando contraposta ao papel secundário da ajudante negra.

Numa sociedade racista, sexista, marcada por profundas desigualdades sociais, o que poderia existir de comum entre mulheres de diferentes grupos raciais e classes sociais? Esta é uma questão recorrente, não totalmente resolvida pelos vários feminismos, que interpretam a opressão sexista com base num diferenciado espectro teórico-político-ideológico de onde o movimento feminista emergiu.

Concertos fundamentais do feminismo

A aceitação mais ou menos acrítica de que existiriam grupos mais discriminados que outros resultou da incapacidade de oferecer uma formulação que evidenciasse como somos todas e todos afetados pelo sexismo em suas diversas formas - homofobia machismo misoginia. A percepção de que o homem deve ser, por exemplo, o principal provedor do sustento da família, o ocupante das posições mais valorizadas do mercado de trabalho, o atleta sexual, o iniciador das relações amorosas, o agressivo, não significa que a condição masculina seja de superioridade incontestável.

Essas mesmas imagens cruzadas com o racismo reconfiguram totalmente a forma como homens negros vivenciam gênero. Assim, o negro desempregado ou ganhando um salário míngua e visto como o preguiçoso, o fracassado, o incapaz. O atleta sexual é percebido como um esturador em potencial, o agressivo torna-se o alvo preferido da brutalidade policial. So que estes aspectos raramente são associados aos efeitos combinados de sexismo e racismo sobre os homens, que reforçam o primeiro na ilusão de poder compensar os efeitos devastadores do segundo.

A outra tentativa mais recente de transformar as categorias mulher experiência e política pessoal e o **ponto de vista feminista** (*feminist standpoint*). Segundo essa teoria, a experiência da opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero e classe social interceptam-se em diferentes pontos. Assim, uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher branca na mesma classe social, mas experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual, racista e sexista.

Raça, gênero, classe social, orientação sexual reconfiguram-se mutuamente formando o que Grant chama de um mosaico que só pode ser entendido em sua multidimensionalidade. De acordo com o ponto de vista feminista, portanto, não existe uma identidade única, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinadas.

Considero essa formulação particularmente importante, não apenas pelo que ela nos ajuda a entender diferentes feminismos, mas pelo que ela permite pensar em termos dos movimentos negro e de mulheres negras no Brasil. Este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vivida através do gênero) e de ser mulher (vivida através da raça), o que torna superfluas discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras: luta contra o sexismo ou contra o racismo? - Já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas, uma não existe sem a outra⁷.

⁷ Como salientado no parágrafo anterior, homens também vivenciam raça através de gênero, mas ao contrário das mulheres, não percebem os efeitos opressivos do sexismo sobre sua própria condição. Daí tenderem a confundir o combate às desigualdades de gênero com antagonismo entre homens e mulheres, ou com uma tentativa destas de acabar com os privilégios da condição masculina, que eu duvido possam ser desfrutados plenamente por homens negros numa sociedade racista. Até por isto, o movimento negro, um dos poucos espaços que se oferecem para a expressão plena de pessoas negras, também é palco para o exercício de um sexismo que não poderia manifestar-se em outras esferas da vida social, especialmente aquelas dominadas por (homens) brancos.

LÉLIA GONZÁLEZ: ARTICULANDO RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA (ONDE? E SIGNIFICATIVAMENTE NA ANPOCS, EM OUTUBRO DE 1980), COM DUAS NOVIDADES

- Um pleito sobre o lugar a partir do qual interpreta o fenômeno:
“na medida em nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação ... o trabalho que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados ... que o trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.”
- O fundamento buscado na psicanálise (Freud e Lacan) para desvendar o racismo à brasileira, tal como interpreta Bairros (1994).. [e como também destacou Cinthia em seu informe]:
uma saída teórica no sentido de apreender melhor os aspectos simbólicos do racismo, o qual “se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira”, e do sexismo que se manifesta a partir de três noções que, referidas à mesma origem, são invocadas para definir a mulher negra a depender do contexto em que somos percebidas: mulata [NAG: a mucama, serviço sexual] , doméstica [NAG: “a mucama permitida, a prestadora de serviços, o burro-de carga”] e mãe preta [NAG: responsável pelo cuidado e socialização das crianças, “Conscientemente ou não, ela passou para o brasileiro brasileiro”] as categorias das culturas negro-africanas de que era representante. Foi por aí que ela africanizou o português falado no Brasil (transformando-o em `pretuguês □) e, conseqüentemente, a cultura brasileira.”]

LELIA - FORMULANDO PARA O DIÁLOGO INTERNACIONAL: PENSANDO A DIÁSPORA

A noção de "amefricanidade"

- Que interpela a latinidade das Américas e sublinha os aspectos ameríndio e africano, definindo-a como *“um processo histórico de intensa dinâmica cultural (resistência, acomodação, reinterpretação, criação de novas formas) referenciada em modelos africanos e que remete à construção de uma identidade étnica.”*
- Que sublinha a importância dos mouros para pensar os que nos colonizaram e a sua rígida hierarquia fundada no pertencimento étnico
- Onde, o fundamento psicanalítico do nosso racismo, voltado para *“suprimir aqueles que do ponto de vista étnico são os testemunhos vivos da ladinoamefricanidade denegada”* (In: “Nannys”, 1988)
- Ou seja, “amefricanidade” cunha-se como uma categoria capaz de resgatar uma **unidade específica**, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo.” Uma unidade que apagar as matrizes africanas, resgata a experiência fora da África como central (cf refletiria depois L. Bairros, 1988, p. 6)

3. COMO A SÓCIO-ANTROPOLOGIA BRASILEIRA TEM SE APROPRIADO DO DEBATE INTERNACIONAL SOBRE A INTERSECCIONALIDADE?

Dois exemplos: F. Biroli e Miguel (2015) e C. Sardenberg (2015).

BIROLI E MIGUEL (2015): GÊNERO, CLASSE E RAÇA... OPRESSÕES CRUZADAS (I)

O debate sobre as convergências entre gênero, raça e classe identifica não uma simples sobreposição entre padrões de dominação independentes, mas um entrelaçamento complexo, o que faz com que qualquer interpretação aprofundada do mundo social e qualquer projeto emancipatório consequente precise incorporar simultaneamente os três eixos. Ou seja, assimetrias que se definem no entrecruzamento e constituição recíproca desses três eixos são incontornáveis para a análise das desigualdades nas sociedades contemporâneas.

Assim sendo, uma análise das relações de gênero que não problematize o modo como as desigualdades de classe e de raça conformam o gênero, posicionando diferentemente as mulheres nas relações de poder e estabelecendo hierarquias entre elas, pode colaborar para suspender a validade de experiências e interesses de muitas mulheres. Seu potencial analítico assim como seu potencial transformador são, portanto, reduzidos.

Outras determinantes, como geração, sexualidade, etnia, localização no globo (ou mesmo a região em um país determinado) ou algum tipo de deficiência física, são também importantes na construção da posição social dos diferentes grupos de pessoas, contribuindo para produzir as suas alternativas e os obstáculos que se colocam para sua participação na sociedade.



BIROLI E MIGUEL (2015): GÊNERO, CLASSE E RAÇA... OPRESSÕES CRUZADAS (2)

- Birolí e Miguel destacam três carros-chefe teóricos nesse debate:
 - O primeiro foi o feminismo marxista e socialista; que privilegiou par gênero-classe embora isso não signifique que suspenda a raça como problema
 - O segundo foi o feminismo negro, no qual as categorias gênero, classe e raça foram exploradas conjuntamente, mas nem sempre de forma a produzir um referencial focado na explicação dos seus entrelaçamentos
 - O terceiro foi formado por um conjunto amplo e heterogêneo de estudos que têm como nó organizador a noção de interseccionalidade. Tal noção permitiu avançar teórica e metodologicamente na abordagem desses entrelaçamentos, mas os estudos que dela lançaram mão frequentemente reduziram o peso da classe e deixaram de recorrer à mesma “como categoria analítica para a explicação de desigualdades sociais complexas” (segundo P. Hill Collins)

CALEIDOSCÓPIOS DE GÊNERO: A METÁFORA EMPRESTADA DE J. SPADE E K. VALENTINE, 2008 (*THE KALEIDOSCOPE OF GENDER*) POR C. SARDENBERG (2015)

- "Um caleidoscópio é um tubo contendo espelhos e prismas que se combinam e recombina para produzir imagens e desenhos diferentes, a depender da movimentação do tubo. Quando olhamos pelo visor do caleidoscópio, a luz dos espelhos se reflete nos prismas por meio de células contendo pedaços de vidro, conchas e elementos semelhantes, o que cria diferentes 'mosaicos', ou padrões de desenho e cores, a cada movimento do tubo."
- "(...) se tomarmos as categorias gênero, raça, classe, etnia, idade, **etc**, como 'prismas sociais', e os espelhos como o contexto em que se refletem no tempo e espaço sociais, a metáfora do caleidoscópio nos permite apreender a dinâmica das relações sociais na medida em que o prisma de gênero interage com os demais prismas sociais (de raça, etnia, idade, sexualidade, classe social, **etc**) produzindo mosaicos distintos ou complexos padrões de identidade e relações **que são sempre historicamente específicos**."
- "(...) é o entrecortar desses prismas, em diferentes contextos, que define as nossas experiências de gênero através do espectro das nossas vidas gendradas".



AS CONSEQUÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA METÁFORA (CF. SARDENBERG, 2015)

...”o gênero não é uma entidade universal ou estática, mas sim criada continuamente nos parâmetros sociais da vida individual e em grupo”

”deve ser pensado como categorias, padrões e expressões cuja relevância é contextualizada e sempre em mutação”

”A desigualdade de gênero não se constitui como um padrão social natural ou universal, mas sim como um dos vários sistemas de opressão, nenhum dos quais pode ser generalizado”

”Gênero, classe e raça, ainda que compartilhando as mesmas feições como prismas sociais ou marcadores que estabelecem divisões sociais, bem como sendo construídos por, ou entrecortados uns pelos outros, não podem nunca ser reduzidos uns aos outros.”

Nas sociedades contemporâneas, capitalismo, sexismo, racismo, etarismo, e lesbo/homofobia, dentre outras matrizes de opressão não agem independentemente. Estão imbricadas ou em ”simbiose”(Saffioti), constituindo-se como matrizes de opressão que se entrelaçam e se reforçam, forjando sistemas de estratificação e opressão interseccionados, O que implica dizer que as respectivas categorias de gênero, raça, classe e outras categorias sociais similares não são categorias autônomas

”Nessa concepção que ofereço, os mosaicos equivalem a 'posicionalidades' de gênero”



4. COMO O DEBATE ECOA NA AMÉRICA LATINA?

A reflexão de Mara Viveros

M.VIVEROS (2016) E O ELO COM O DEBATE SOBRE O DECOLONIALISMO/DECOLONIALIDADE

- Objeto do texto: "dar cuenta de la **forma como son experimentadas** concretamente las intersecciones de raza y género, clase y género **y la consubstancialidad de estas relaciones para los grupos sociales involucrados**. El texto concluye con la importancia política del concepto, enfatizando los aportes del *Black feminism*, el feminismo de color y el feminismo latinoamericano como **enfoques epistémicos descolonizadores**.
- la noción de interseccionalidad, como "un lugar discursivo donde diferentes posiciones feministas se encuentran en diálogo crítico o de conflicto productivo" (Lykke, 2011, p. 208)
- Esta perspectiva inclusiva debe ser, no obstante, utilizada con precaución, para no convertirla en una caja negra en la que todo cabe. Este riesgo puede evitarse, al menos parcialmente, contextualizando las teorías o posturas teóricas que se ponen en diálogo

A TRAJETÓRIA DO CONCEITO NA AMÉRICA LATINA (CF M.VIVEROS)

Autoras como Martha Zapata Galindo (2011) plantean que, a diferencia de lo que sucede en Europa y en Estados Unidos, en América Latina la interseccionalidad no ha alcanzado el estatus de concepto hegemónico y para muchas feministas latinoamericanas no aporta nada nuevo

desde hace mucho tiempo las experiencias sociales de una gran parte de las mujeres latinoamericanas las han forzado a tomar en cuenta y a hacer frente, en niveles teóricos, prácticos y políticos, a distintas, simultáneas e interseccionadas formas de opresión (Wade, 2009)

Las críticas internas del feminismo latinoamericano se hicieron explícitas, en particular las que se refieren a la **colonialidad discursiva de la diversidad material e histórica de las mujeres latinoamericanas por parte de los feminismos hegemónicos**. Estos cuestionamientos, planteados fundamente por el movimiento social de mujeres, permiten recordar que no se puede asumir, ni teórica ni políticamente, que las desigualdades de género y raza y sus articulaciones son universales.

El reto no es encontrar la metáfora más adecuada para expresar las relaciones entre distintas categorías de dominación y orientar las alianzas políticas que se derivan; el reto es preservar “el principio de apertura a las diferencias como una condición y no como un límite de la interseccionalidad”



5. DESAFIOS PARA TRATAR DAS DIMENSÃO INTERSECCIONADAS DAS DESIGUALDADES NO ÂMBITO DO TRABALHO.

Reflexões com vistas a nossos trabalhos finais

AS CHAMADAS DE ATENÇÃO FORMULADAS POR MCBRIDE, HEBSON E HOLGATE (2015)

- A força com que o debate penetra as análises sociológicas e em especial o campo dos estudos de gênero nem de longe se reflete no campo dos estudos do trabalho e das relações de emprego, onde o uso dessa categoria é ainda notavelmente limitado
- Valor analítico da adoção dessa categoria para o desenho empírico dos estudos e interpretação dos resultados
- As autoras dialogam com distintas abordagens para as quais a interseccionalidade por vezes pode ser vista como um *paradigma* (Bilge, 2010; Hancock, 2007), por vezes é tomada como *uma teoria* sobre as subjetividades marginalizadas ou sobre a produção de uma identidade generalizada (Nash, 2008), ou ainda pode ser concebida como uma *abordagem/estratégia metodológica* (McCall, 2005; Yuval-Davis, 2006).
- Pleito no sentido de aumentar a "sensibilidade à interseccionalidade", o que não necessariamente significa obrigar-se a usar uma abordagem/estratégia de análise interseccional

AS CHAMADAS DE ATENÇÃO FORMULADAS POR MCBRIDE, HEBSON E HOLGATE (2015) - II

- Buscando aumentar a sensibilidade à interseccionalidade, ao entendimento da complexidade em um dado campo de estudos

*(...) Differing means by which we try and understand complexity in any field of enquiry. First, we might develop **categories as a means of comparing experiences (intercategorical)**. Second, we might study **experiences within a given category (intracategorical)**. Third, we might reject categorization and **study experiences with no preconceptions of what characteristics individuals might share (anticategorical)**. (pg 335)*

- Buscando adotar um enfoque interseccional:

*Such an approach requires going beyond problematizing the relationships within categories of difference (an intersectionally sensitive approach) to one that engages in the **theoretical challenges of problematizing the relationship between categories of difference**. (pg 336)*

there is a difference between looking at the intersection of static categories and **questioning the relationship between them, or the process and systems of domination that marginalize or discriminate** (Hancock, 2007). In essence, are researchers sufficiently problematizing relationships *between* categories of difference?